

A ESPERANÇA DA MORTE: O LUTO IMPEDIDO EM *DE AMOR E DE SOMBRA*, DE ISABEL ALLENDE

RHUAN FELIPE SCOMAÇÃO SILVA (DOUTORANDO)
Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Londrina, Paraná, Brasil
(rhuanscomacao@gmail.com)

RESUMO: Baseado nos estudos sobre o processo do luto por Kübler-Ross (1996) e Rita Melo (2004), este trabalho analisa a narrativa *De amor e de sombra* (2019), de Isabel Allende, a partir da perspectiva do luto inalcançável ou interrompido. A partir da apresentação de trechos do romance que dialogam com as teorias sobre o luto, constrói-se um texto que compara os eventos do romance com situações empíricas a fim de criar uma relação entre o luto e a incapacidade da população em conhecer o destino de seus entes queridos durante os regimes militares sul-americanos. Para auxiliar o processo de recepção do leitor, o texto de Teles (2017) acerca da abertura de um cemitério no Rio de Janeiro, que escondia os corpos de dezenas de desaparecidos durante a ditadura militar brasileira, constrói um importante testemunho, que tanto causa um alívio para os enlutados quanto a continuidade do sofrimento, considerando que nem todos os desaparecidos foram encontrados. A partir desses textos, arquiteta-se um trabalho que é não apenas testemunho do passado, mas também reflexo de um presente, uma história que ainda não terminou para muitos e que não terminará para tantos outros.

Palavras-chave: Literatura sul-americana. Ditadura militar. Luto. Desaparecidos.

Artigo recebido em: 13 abr. 2021.
Aceito em: 23 abr. 2021.

THE HOPE OF DEATH: PREVENTED MOURNING IN ISABEL ALLENDE'S *DE AMOR E DE SOMBRA*

ABSTRACT: Based on studies about the mourning process by Kübler-Ross (1996) and Rita Melo (2004), this work analyzes the narrative *De amor e de sombra* (2019), by Isabel Allende, from the perspective of unreachable or interrupted mourning. Starting from the presentation of excerpts from the novel that dialogue with the theories about mourning, this text compares the novel's events with empirical situations to create a relationship between mourning and the population's inability to know the fate of their loved ones during the South American military regimes. To assist the process of reader reception, Teles's text (2017) about the construction of a cemetery in Rio de Janeiro, that hid the bodies of dozens of missing persons during the Brazilian military dictatorship, builds an important testimony, which both provides relief to the mourners in terms of the continuity of suffering, considering that not all the missing people were found. Based on these texts, this work constitutes not only a testimony of the past, but also a reflection of the present, a story not yet ended for many and one that will not end for so many others.

Keywords: South American literature. Military dictatorship. Grief. Disappeared people.

INTRODUÇÃO

O processo do luto está intimamente ligado ao tempo. Para Kübler-Ross (1996), por exemplo, o luto bem-sucedido passa por cinco fases – negação e isolamento, a raiva, barganha, depressão e aceitação – enquanto Rita Melo (2004) utiliza dois processos para compreender a trajetória do luto, uma adaptada de Worden (1991), com quatro fases, e a outra chamada teoria integrativa de Sanders (1999), em outras cinco fases. Em ambas as abordagens, o mecanismo central para que o luto ocorra com a melhor recepção é o tempo.

Logo, para a maioria de nós, o luto está presente em grande parte do tempo, seja pelo luto usual de nossos avós e parentes mais idosos, seja pelo assustador e inesperado luto de alguém que pode ter sofrido um acidente ou adquirido uma doença terminal. De qualquer forma, vivemos este luto com o auxílio do tempo, as memórias se reduzem, o corpo não está mais presente, mas geralmente há um lugar para visitar (cemitério, jazigo, urna funerária etc.), nos adaptamos até que se torna possível retornar a uma “normalidade”.

A partir deste levantamento e dos estudos sobre o luto de Rita Melo e Kübler-Ross, este trabalho analisa a narrativa de Isabel Allende, *De amor e de sombra* (2019), observando como o desaparecimento apaga e impossibilita o familiar de utilizar o tempo como mecanismo de cura, tornando a vida daqueles que buscam por seus entes queridos uma diligência e um sofrimento geralmente sem encerramento, já que a morte é uma incógnita.

ANÁLISE

A obra *De amor e de sombra* (2019) narra a busca incessante de Irene, mulher da alta sociedade chilena que vive de aparências após o abandono do pai, e Francisco, psicólogo vindo de uma família expulsa da Espanha pelo regime militar de Franco, por respostas para o desaparecimento de uma menina com poderes aparentemente sobrenaturais sobre quem produziam uma matéria para uma revista.

Francisco conhece Irene em um núcleo editorial de uma revista de variedades em que ela já trabalhava, enquanto ele inicia uma nova carreira como fotógrafo devido à falta de pacientes por ser considerado um médico comunista pela alta sociedade chilena do período. Desse encontro, eles partem para diversas reportagens, até que encontram uma curiosa criança milagreira que, por coincidência, acaba atacando um militar que invade sua casa durante a entrevista.

A partir desse evento, a família da menina milagreira começa a ser perseguida. Seu irmão, soldado do exército, sofre agressões constantes e acaba fugindo, tornando-se desertor, e, em certa noite, a menina é capturada e levada para o quartel-general, não retornando para a família. Com base nesse último evento, Irene e Francisco são chamados pela família da menina em auxílio, mas sua busca é confusa, cheia de caminhos sem saída, desencontros e informações sem sentido. Enquanto o general que a capturou diz que ela concluiu o depoimento e foi liberada, outras testemunhas dizem que ela escolheu ficar na cidade grande e trabalhar por lá, mas nenhuma pista leva à localização da menina, apenas desinformação e um sentimento inquietante acerca do desconhecimento de seu paradeiro.

A narrativa de Isabel Allende, como é usual em sua fortuna literária, constrói uma severa e realista crítica à junta militar presidida por Augusto Pinochet, que dominou o Chile entre 1973 e 1990 e assassinou o presidente democraticamente eleito Salvador Allende no dia 11 de setembro de 1973, além de ser responsável pelo extermínio e desaparecimento de centenas de pessoas

que eram contrárias ao golpe militar e lutavam pelo retorno do governo democrático.

Com este pano de fundo e este cenário violento da história chilena, a autora constrói uma narrativa que se torna um documento metarreferencial da história, descrevendo eventos, personagens e argumentos que, apesar de ficcionais, servem como testemunho dos horrores, da agonia e da censura dos governos ditatoriais.

Fundamentado a partir desse sentimento inquietante e insólito de agonia, este trabalho aborda dois aspectos da narrativa que dialogam com a morte e o processo de luto impedido: primeiro, a crença prévia de que os procurados durante a ditadura já estão mortos e, logo em seguida, o silêncio sepulcral das autoridades e o reflexo dessa atitude nos que ainda procuram seus entes queridos.

Iniciamos este trabalho com um trecho da narrativa onde o pai de Francisco, professor Leal, ainda lembra sua terra natal, a Espanha, com um desejo de retorno, sua lembrança é um misto de carinho, saudade, vingança e, ao mesmo tempo, aceitação de que esse era um desejo que não aconteceria. Em um momento no qual Hilda, mãe de Francisco, comenta sobre as goteiras e sobre um necessário conserto na casa, Francisco responde: “— Para quê? Ainda temos nossa casa em Tenruele e quanto Franco morrer voltaremos para a Espanha [...] O professor Leal sonhava com o regresso à pátria desde o dia em que o barco o levou para longe das costas europeias” (ALLENDE, 2019, p. 31).

Apesar do desejo e do fervilhante sangue revolucionário que o professor Leal demonstra durante todo o romance, a narrativa não dialoga nem apresenta vazios capazes de levar o leitor a acreditar que um dia esse retorno seja possível. Esse trecho inaugura um dos elementos mais presentes da narrativa quando se traz a questão do luto político, da ideologia que é sufocada e do sentimento sempre constante de desalento provocado pelo romance.

Em contrapartida, a mãe de Irene é uma grande entusiasta do regime militar, suas políticas são aceitas como intervenção divina contra o comunismo e ela trata os militares com todo o orgulho, mesmo que, em uma descrição que pode contrariar todo esse empenho pelas forças armadas, ela não entregue suas joias para os militares no começo do golpe.

Apesar das diferenças, Francisco e Irene acabam encontrando em outros ideários seu desejo comum, assim como a paixão que os consome pouco a pouco até o final da narrativa. O primeiro de seus desejos comuns é o empenho pelo trabalho, ambos buscam nas notícias mais impactantes a emoção da vida, já que Francisco andava frustrado com o fim de sua carreira como psicólogo e Irene carregava um noivado longo e monótono com um militar que conhecia desde a infância.

A outra família central da narrativa é da menina “paranormal”, Evangelina Ranquileo. Digna, mãe da menina, é uma mulher comum, com muitos filhos, muito pobre e que nutre esperanças ambíguas – por um lado o desejo de que encontre seus dois filhos que sumiram, por outro, a aceitação de que eles não estão mais vivos.

Hipólito, esposo de Digna, é um homem itinerante do circo, pouco tempo passa em casa, mas traz junto de si um amargo sentimento de culpa e luto, descrito pelo narrador em um diálogo entre Digna e uma amiga, quando falavam sobre o vício em bebida de Hipólito:

O assunto remontava ao terceiro filho, que morrera ao nascer. Sem dinheiro para comprar uma urna, Hipólito botou o anjinho em uma caixa de sapatos, colocou-a debaixo do braço e partiu rumo ao cemitério. No caminho precisou afogar a dor com uns tragos até perder a noção de si mesmo. Algum tempo depois recuperou os sentidos, estirado num lamaçal. A caixa desaparecera e, embora tenha percorrido toda a região procurando-a, nunca pôde ser achada. (ALLENDE, 2019, p. 64)

Dentro das teorias sobre o luto trazidas anteriormente, o estado de Hipólito pode ser tanto o da depressão, proposto por Kübler-Ross, como os estágios de sentimentos comuns do enlutado apresentados por Rita Melo, como a culpa e a autocensura, o desespero, a raiva e a tristeza.

Evangelina Ranquileo e seu irmão, o militar que foge para as montanhas a fim de escapar da punição pela fuga do exército, completam o enredo. Apesar de serem personagens centrais para a narrativa, Evangelina pouco participa do processo, já que, no final da obra, descobrimos que ela foi morta na mesma noite em que fora capturada pelos militares, enquanto seu irmão, isolado nas montanhas, é também encontrado morto nas páginas finais.

Apesar de aparecer muito pouco, o sumiço de Evangelina é o primeiro exemplo do luto prematuro apresentado na narrativa. Ao buscar por notícias de sua filha, após sua abdução na madrugada anterior, Digna e Hipólito percebem que ela não voltaria mais para seu lar. O narrador descreve a aceitação com um tom penoso e, ao mesmo tempo, como se o costume desses atos hediondos fosse tão comum ao ponto de se tornarem normais para aquele povo:

Andaram por todos os lados, desde o rio até o cume dos montes sem encontrá-la, o vento arrastou o nome dela por atalhos e caminhos e, ao fim de cinco dias de inútil peregrinação, compreenderam que fora tragada pela violência. *Então vestiram roupa de luto* e foram à casa dos Flores contar a triste notícia. *Iam envergonhados porque em seu lar Evangelina só conhecera o*

infortúnio e teria sido melhor para ela ter sido criada com sua verdadeira mãe. – Não diga isso, comadre – Não vê que a desgraça não perdoa ninguém? Lembre-se de que há anos perdi meu marido e meus quatro filhos, levaram-nos, tiraram eles de mim, tal como fizeram com Evangelina, Era seu destino, comadre. Não é sua culpa, mas minha, porque levo no sangue a má sorte. (ALLENDE, 2019, p. 115, itálico nosso, grifo nosso)

A marcação em itálico destaca a aceitação direta do luto. Apesar de sequer ter certeza da morte de sua filha, a família entende que esse seria o fim, não há mais batalha para aquele momento. Kübler-Ross aponta que esta aceitação, último estágio do luto em sua análise, é “quase uma fuga de sentimentos. É como se a dor tivesse esvanecido, a luta tivesse cessado” (KÜBLER-ROSS, 1996, p. 125). O luto, neste aspecto, não segue um itinerário que permite aos personagens uma passagem, é um luto abrupto, incompleto e violento.

A marcação em negrito traz outro sentimento predominante para essas famílias, que é também apresentado no texto de Allende, o esvaziamento de sentido e o sentimento de culpa que os familiares carregam consigo após os eventos. “Nos relatos dos familiares, emergem também diversas referências ao sentimento de culpa, por terem sobrevivido, sem ter conseguido evitar as mortes e os desaparecimentos” (TELES, 2017, p. 70).

Janaína de Almeida Teles (2017), ao trazer o relato de um parente de desaparecido do regime militar brasileiro, ajuda a imprimir o sentimento predominante dessas famílias:

O processo psicológico do familiar de um desaparecido político envolve tensões muito peculiares [...]. Felícia destaca o papel ambivalente da ausência do corpo, por um lado que a apartava de uma experiência de choque, enquanto de outro acarretava uma angustia constante: “Eu pensava, não vi, então não vou sofrer tanto, mas foi pior, porque fica uma angústia que não termina nunca, principalmente, porque a gente fica pensando que ela morreu sob tortura”. (TELES, 2017, p. 68-69)

O texto de Teles aponta que a perda abrupta causa um abandono físico e sentimental nessas famílias, pois, considerando que não verão mais seu familiar, mas não podendo descartar a opção de um retorno, tudo se desestrutura. A falta de uma finalização, de uma absorção da realidade em finitude provoca a destruição psicológica, e algumas vezes física. “A perda abrupta e violenta acentua o sentimento de abandono, muitas vezes não

declarado, mas presente nas referências recorrentes ao vazio e desamparo” (TELES, 2017, p. 74).

As mortes não ligadas a desaparecimentos, mas abruptas e violentas, ajudam a manter o sentimento de abandono que a narrativa provoca, já que, de forma indireta, é também a ditadura que as germina. O evento que embasa a afirmação anterior vem pelo suicídio do irmão mais velho de Francisco; “Javier se enforcou na quinta-feira. Nessa tarde, como fazia todos os dias, saiu para procurar trabalho e não voltou [...]. Nunca falara em suicídio, não se despediu de ninguém, não deixou palavras de adeus” (ALLENDE, 2019, p. 124).

O suicídio do filho mais velho torna a permanência no Chile, para Leal e Hilda, algo fixo, e não transitório como Leal acreditava com tanto afincamento, eles não sonham mais em voltar para a Espanha. Leal entende que ali era sua terra agora, onde precisou enterrar um filho graças ao desalento proporcionado pelo regime militar.

O luto dos pais de Francisco ganha outro aspecto além do processo comum em diversas fases, já que possui o que Rita Melo aponta como complicação do processo do luto, ao adicionar para o efeito o “contexto sociopolítico e histórico da perda” (MELO, 2004, p. 18).

As mortes relacionadas à ditadura parecem ter esse efeito como senso comum, já que grande parte dos desaparecidos e mortos eram contra o regime militar de seu país. É interessante que a perda relacionada a esses desaparecimentos tem relação direta com o efeito de solidão, dúvida e ausência com que essas famílias precisam lidar. O exemplo que Janaína Teles traz em seu texto exemplifica esta ideia. A autora, ao citar Adorno, aponta: “Nesse contexto, [Ditadura Militar] aos familiares somente é permitido lembrar a ausência, reacendendo permanentemente a lembrança dessa presença ausente, bem como o desejo de libertar-se de um passado que continua presente” (TELES, 2017, p. 75).

Logo, há um desejo constante de libertar-se do passado, mas que não é completamente passado, já que, para a família de Francisco, a ditadura não os deixou mesmo quando se exilaram de seu país natal.

Contudo, uma das diferenças do luto entre Leal e Hilda é a relação religiosa. Algumas páginas após o enterro de seu filho, Hilda está recuperada e tenta explicar por que ela consegue lidar com o luto, mesmo que dopada pelo sentimento, e seu marido não. Ao levar seu pai mais uma vez para cama completamente hipnotizado pelo evento passado, Francisco ouve de Hilda: “O problema de seu pai é que não acredita na alma, Francisco. Por isso sente que perdeu Javier” (ALLENDE, 2019, p. 128).

Rita Melo (2004, p. 11), ao expor a proposta de Sanders (1999) sobre o luto, ajuda a explicar por que Hilda consegue lidar com o luto de forma menos

autodestrutiva, já que usa de um mediador externo, a religiosidade, para lidar com a perda. Contudo, o professor Leal acaba não demorando tanto mais para voltar à rotina, já que, apesar de não ser religioso, seu ímpeto revolucionário não acabou com essa morte, pelo contrário, reacendeu com força como outro tipo de mediador externo.

A morte do irmão de Francisco e a descrição do luto de seus pais servem como elemento comparativo, já que, logo em seguida, o narrador nos traz o luto da família da menina Evangelina, e esse luto é tratado de forma muito mais direta, com uma fala de Digna que exemplifica o sentimento de aceitação da morte/desaparecimento como efeito final.

Irene Beltrán vai até Digna e promete procurar sua filha com todas as suas forças quando Digna responde: “Não continue procurando, senhorita. A terra a tragou – disse a mãe com a resignação de quem suportou muitas dores” (ALLENDE, 2019, p. 129).

Enquanto a família de Francisco enfrenta a morte com resiliência e busca formas de lidar com o luto a partir dos ciclos usuais do mesmo, Digna aceita o desaparecimento sem a reação usual. A solidão e o isolamento provocados pela violência estatal causam um esmorecimento nos sentimentos, uma contínua predileção por apenas deixar acontecer, um luto interminável.

Por outro lado, Irene tem o luto como uma constante não tão perturbadora. Ela lida com a morte prematura de um possível irmão, com o desaparecimento/fuga de seu pai, que ela mesma já pressentia antes que acontecesse, e por fim com o esquecimento e a morte constante do lar de idosos de que ela e sua mãe são proprietárias.

Uma tarde Irene lia em seu quarto quando o sentiu perto e antes de levantar os olhos soube que era uma despedida. Viu-o de pé na soleira e teve a impressão de que era sim seu fantasma, pois já não estava ali, se apagara, *como sempre temera que acontecesse*.

- Saio por um momento, filha – disse Eusébio beijando-a na testa.
- Adeus, papai – respondeu a menina, certa de que não voltaria.

Assim foi. Passaram-se quatro anos, mas através de um sutil mecanismo de consolação ela não o deu por morto, como os demais. Sabia que estava vivo e isso lhe dava certa tranquilidade, porque também podia imaginá-lo feliz em uma nova vida; no entanto, *os ventos da violência que agora sacudiam seu mundo cobriam-se de dúvidas. Temia por ele*. (ALLENDE, 2019, p. 148, grifo nosso)

Os destaques em negrito na citação demonstram que, apesar de aceitar e prever a fuga de seu pai, Irene teme pela vida dele frente à presente situação política: “Nunca me preocupei por meu pai, Francisco. Estava certa de que havia

fugido de minha mãe, de seus credores e das malditas ovelhas que começaram a apodrecer sem encontrar destino, mas agora duvido de tudo isso” (ALLENDE, 2019, p. 151).

O que podemos retirar inicialmente da fala de Irene é que o luto por seu pai é o mais diferente entre as três famílias, já que é algo na beira do limite da resiliência entre crença e realidade, entre fé e percepção da situação em que vive. Irene é um exemplo de enlutado que nega a morte do outro, mas que, ao mesmo tempo, teme perceber a perda como presente em sua vida.

Entre as três famílias centrais da narrativa, podemos perceber que praticamente todas as percepções sobre o luto trazidas por Rita Melo e Kübler-Ross estão presentes de alguma forma, mas em nenhuma dessas famílias o processo é completado de forma padrão, há sempre um elemento que distorce o processo do luto e leva à agonia. Talvez intencionalmente, Isabel Allende tenha construído uma narrativa que, de tão perturbadora, graças à realidade impressa em suas páginas, o luto dos personagens torna-se o nosso luto, como leitores modelo.

Já no final da segunda parte do romance, Francisco, ao observar os idosos no lar onde Irene trabalha, se emociona e deixa claro que não faria seus pais passarem por isso; ele relata o desalento, o silêncio, a solidão e a saudade presentes naquele ambiente. O narrador termina esse capítulo com um discurso de preparação, descrevendo os idosos e seu luto contínuo, “sua ocupação era evitar a morte, pensando sempre nela, antecipando-a, temendo-a” (ALLENDE, 2019, p. 178).

Já nas primeiras páginas da parte final do romance, o luto do desaparecimento termina parcialmente para a família Ranquileo, o corpo de Evangelina é encontrado, finalizando a relação de *phillia*¹: “Francisco conseguiu tirar pedras e remover as pedras, até descobrir o corpo completo de Evangelina Ranquileo Sánchez, reconheceu-a pelo tom claro de seu cabelo” (ALLENDE, 2019, p. 188) e sua mãe recebe a notícia derradeira: “Viu a jornalista e seu inseparável companheiro avançarem pelo pátio [...]. Secou as mãos no avental e foi ao encontro deles sem sorrir, porque bem antes de olhá-los nos olhos adivinhou as más notícias” (ALLENDE, 2019, p. 193).

Nota-se que a notícia não altera Digna como aguardado pelo senso comum, a espera finalmente acaba, mas lágrimas não saltam dos olhos da mãe, ela apenas aceita o destino, talvez com um pouco de alívio, mas a narrativa não deixa claro. Porém, o que a narrativa extravasa é o sentimento de impotência mesmo ao saber quem matou sua filha, “Nunca devolvem os que levam [...]. Foi

¹ Em *Antígona*, *phillia* é o amor aos familiares, esse amor cujo destino é honrar a memória dos irmãos e sanar para sempre o pecado original dos pais (MIRANDA, 2011, p. 33).

o tenente Ramirez quem a matou e ele é dono da lei. Que posso eu fazer?” (ALLENDE, 2019, p. 194).

O estado (*polis*) e a relação com a família (*phillia*) entram em embate, existe a necessidade do estado em controlar a situação e a relação individual do luto da personagem Digna. Para ela, a relação do estado com o destino de seus filhos não dialoga com a necessidade do controle que o estado militar tenta manter. Apesar de reagir com serenidade a situação, ela constrói uma crítica feroz as atitudes dos militares, em um discurso que demonstra a total falta de empatia dos oficiais com as dores do luto inalcançável dos familiares dos desaparecidos.

O luto de Digna precisa ser controlado, pois ela não pode entrar nos vários estágios de desalento do luto, ela é uma pessoa paupérrima, necessita manter-se firme para sua família, por isso a resistência, por isso a necessidade de se manter em pé e resoluta apesar da dor imensurável por dentro. Rita Melo, ao citar Sanders (1999), explica este processo de resistência física e emocional do enlutado.

"A dor de uma perda é tão impossivelmente dolorosa, tão semelhante ao pânico, que têm que ser inventadas maneiras para se defender contra a investida emocional do sofrimento. Existe um medo de que se uma pessoa alguma vez se entregar totalmente à dor, ela será devastada – como que por um maremoto enorme – para nunca mais emergir para estados emocionais comuns outra vez". (MELO, 2004, p. 2)

Logo após esse ponto, a narrativa caminha para seu final. Irene e Francisco revelam para as autoridades eclesiásticas o lugar onde dezenas de corpos foram despejados, uma caçada por suas cabeças tem início pelos militares, as notícias rodam o Chile e o mundo, e todos esses eventos culminam na obrigatoriedade da abertura pública da caverna e, assim, da revelação para o mundo dos desaparecidos.

Aqui se encontra um elemento central para este artigo, já que são trabalhados os momentos da descoberta dos desaparecidos pelo regime ditatorial, mas não antes de todo o aparato militar entrar em ação. São construídas barricadas, cercas de soldados e apenas os médicos legistas, os militares e a igreja observam a ação de retirada dos corpos, mesmo que uma multidão de cidadãos estivesse escrutinando de longe, na esperança de que um desses corpos fosse (ou não) de um ente próximo.

A cena da abertura da mina com os corpos é tão bem descrita que, ao comparar com a descrição de Teles (2017) acerca da abertura das covas no cemitério de Perus em São Paulo, acompanhamos o mecanismo de esperança e

alívio proporcionado por um evento de tamanha magnitude para os que procuravam seus desaparecidos durante o regime militar no Brasil.

Entraves políticos dificultaram o enfrentamento dessa questão, mas logo após a abertura da vala clandestina, iniciaram-se as escavações e as pesquisas de antropologia forense, que foram acompanhadas pela instauração de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (doravante, CPI) na Câmara Municipal de São Paulo em 1990, visando apurar o que ocorreu em Perus e nos demais cemitérios da cidade. A abertura da vala propiciou a descoberta de outras valas com restos mortais de militantes assassinados no Rio de Janeiro e em Pernambuco, e a realização de escavações arqueológicas na cidade e em outros estados. (TELES, 2017, p. 77)

A diferença é que, no romance, tudo isso acontece durante o regime militar, enquanto, no Brasil, isso aconteceu apenas em 1990. Dado este fato, a apuração seguinte, descrita também por Teles, não se repete na narrativa.

Por seis meses, a CPI buscou desvelar os mecanismos pelos quais se tornou possível a manutenção, em segredo, das 1.049 ossadas na vala de Perus, desde 1976. O trabalho de investigação obteve informações sobre as formas como os militares, a polícia e os médicos legistas do Instituto Médico Legal se articularam para ocultar os cadáveres e suas respectivas causa mortis. O BNM já havia denunciado sua participação na falsificação de laudos necroscópicos e ocultação de cadáveres para acobertar marcas de tortura, mas pouco se sabia. As investigações da CPI evidenciaram o esquema dirigido a falsificar os laudos e enterrar militantes com nomes falsos, em cemitérios de São Paulo. (TELES, 2017, p. 77)

A abertura da vala e a revelação das ossadas, ao invés de causar uma derrocada imediata do regime militar, dados os múltiplos meios de comunicação presentes, mostram outro mecanismo de controle da ditadura que atrapalha o luto dos familiares, o empreendimento de diversas formas de impedimentos para o reconhecimento desses corpos, tornando o luto ainda inalcançável.

No dia seguinte, nas dependências do Instituto Médico, reuniram-se viajantes de todas as partes do país com a esperança de identificar seus mortos, mas impediram-lhes a passagem até nova ordem, como indicou o General, porque uma coisa é desenterrar cadáveres e outra, muito diferente, é exibí-los para que todo mundo os veja como se isto fosse uma feira, o que imaginaram

esses impertinentes, abafe este assunto, Coronel, antes que minha paciência se acabe. (ALLENDE, 2019, p. 225)

Assim como aconteceu em São Paulo, no cemitério de Perus:

Em São Paulo havia uma determinação para que as autópsias fossem mantidas em sigilo. Essas obedeciam a um ritual próprio, envolvendo sempre os mesmos funcionários, realizadas em sessões noturnas. Uma lista restrita de legistas fazia escala para realizar este trabalho. Outra especificidade na condução dessas autópsias consistia em fotografar apenas a cabeça. A determinação do registro fotográfico para mortes violentas, exigência da lei, foi burlada por ordem direta do comandante do DOI-Codi/SP28, Carlos Alberto Brilhante Ustra, com a finalidade de não expor as demais partes dos corpos marcados pela tortura. Diante de sinais evidentes de tortura, era frequente que o legista descrevesse uma parcela considerável das marcas decorrentes de sevícias. (TELES, 2017, p. 77)

Apesar do empenho militar no controle das informações, o narrador de *De amor e de sombra* descreve uma das poucas cenas de alívio da narrativa, ao mostrar os cidadãos que finalmente tiveram respostas para o desaparecimento de seus estes queridos,

as pessoas se atreveram a se virar para o vizinho e chorar em sua companhia [...], organizaram uma procissão para rezar pelas vítimas [...]. Começou como tênues fios humanos brotando dos povoados periféricos e foram cantando hinos religiosos e palavras de ordem política. (ALLENDE, 2019, p. 225)

Enquanto isso, o coronel, já assustado, pergunta ao general o que devem fazer, já que, em outras oportunidades, o general costumava mandar dispersar o público com violência: “O de sempre, coronel – respondeu ele das profundezas do bunker” (ALLENDE, 2019, p. 226) e, algumas páginas em seguida, repete a atitude covarde: “– E o que fazemos com a confusão que está se armando, meu General? – O de sempre, Coronel – responde de sua sauna, três andares abaixo da terra” (ALLENDE, 2019, p. 254). O General se esconde da multidão, é um grito discursivo com que o narrador nos presenteia, nos dá esperança, mesmo que breve, de que as coisas seriam resolvidas.

Apesar do discurso de esperança, das descrições de covardia dos militares e da mobilização popular, os crimes não são julgados e executados de

forma a dar alento aos familiares. Apesar de reconhecerem seus parentes, no tribunal, a revelação se perde graças a um testemunho confuso, claramente inventado para encobrir os atos hediondos, uma vez mais o luto retorna para as pessoas, e agora, tanto o luto de seus familiares como o luto da justiça, o luto político que enfrentam pela incapacidade da punição dos responsáveis.

A narrativa conta com a fuga bem-sucedida de Irene e Francisco do Chile, apesar de ficar em aberto se teriam conseguido escapar para a Europa como haviam planejado. Contudo, para este trabalho, o romance termina algumas páginas antes, quando, graças à descoberta de outras valas com desaparecidos, o povo clama pelos corpos ainda em posse do regime militar. “Uma vez identificados os cadáveres de Los Riscos, seus familiares imploraram que os devolvessem para sepultá-los com decência, mas isso lhes foi negado por temor à desordem pública” (ALLENDE, 2019, p. 263).

O clamor pelos corpos não só é rejeitado pelo coronel e pelo general, como é tratado com desdém, retirando das famílias até o mais básico processo do luto, a certeza de que seus parentes estão mortos. “— O que significa essa loucura, Coronel? — Perguntam por seus desaparecidos, meu General. — Diga-lhes que não estão nem vivos nem mortos” (ALLENDE, 2019, p. 263-264).

Termino com a citação anterior pois, diferente do memorial construído em São Paulo para os desaparecidos no cemitério de Perus, trazido pelo texto de Teles (2017), na narrativa, a população não tem motivos para entrar em um luto comum. Os parentes dos desaparecidos pela ditadura da narrativa de Isabel Allende não podem passar pelas fases que os ajudariam a seguir em frente, estão presos no aparato ditatorial que cerceia os direitos e impede um dos mais básicos e necessários sentimentos de uma pessoa que perde alguém que ama, o luto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da análise da narrativa *De amor e de sombras* acerca das relações sobre o luto incompleto e sobre o poder acerca do corpo do outro pelo regime militar durante a ditadura chilena, foi possível perceber que, diferente das fases do luto, descritas nos trabalhos de Rita Melo (2004) e Kübler-Ross (1996), os civis que viveram esses períodos conturbados da história perderam o direito básico ao luto.

Ignorando os processos de recepção, percepção e aceitação do falecimento do próximo, o estado ditatorial não permite que a pessoa complete

o processo do luto, ou ao menos tenha acesso a esse processo, atitude esta de crueza estatal e de brutal recepção para os que buscavam o destino final de seus parentes e amigos.

Isabel Allende apresenta uma obra que trabalha essa perspectiva de maneira sincera e, em uma percepção particular, quase documental, historiográfica e jornalística do que foram as décadas de regime militar chileno. Sua narrativa utiliza a descrição das várias esferas sociais para que os vazios da narrativa não só sejam preenchidos pela experiência do leitor modelo, como também o faça compreender o terror do destino inalcançável, do desejo insatisfeito e da insegurança recorrente desses regimes autocráticos, principalmente para os mais pobres.

O texto de Janaína Teles (2017), que descreve o processo histórico e jurídico da abertura de um cemitério com corpos de desaparecidos pelo regime militar brasileiro, auxilia o processo de recepção da narrativa de Allende ao criar um paralelo entre a realidade e a ficção, tornando a execução da narrativa um exercício contínuo de catarse.

Por fim, baseado nos diálogos da obra de Allende e nos relatos de pacientes e familiares trazidos por Kübler-Ross (1996), foi possível construir um trabalho que dialoga não só com o contexto histórico das ditaduras chilena, brasileira e espanhola, como, em paralelo, medeia uma relação com o contemporâneo, vide as centenas de milhares de vítimas apagadas pelo governo brasileiro durante a atual pandemia que assola o mundo em 2020.

A narrativa, além de testemunho dos horrores da ditadura e da apavorante situação com que os familiares de desaparecidos precisam conviver, é um exemplo de romance que conversa com seu passado e constrói uma ponte com o contemporâneo, a diegese é presente assim como a história.

REFERÊNCIAS

ALLENDE, Isabel. *De amor e de sombra*. Trad. Suely Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

KÜBLER-ROSS, Elizabeth. *Sobre a Morte e o Morrer*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MELO, Ana Rita de Paulo Proença. *Processo de luto: o inevitável percurso face à inevitabilidade da morte*. 2004. Disponível em: <<http://www.integra.pt/textos/luto.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

SILVA, Rhuan Felipe Scomaço. A esperança da morte: o luto impedido em *De amor e de sombra*, de Isabel Allende. *Scripta Uniandrade*, v. 19, n. 1 (2021), p. 300-314.
Curitiba, Paraná, Brasil
Data de edição: 07 ago. 2021.

MIRANDA, R. D. de. François Ost e a hermenêutica jurídica – um estudo de Contar a Lei. *Revista Direito & Justiça*, volume 37, nº. 01, páginas 30-35, janeiro/junho de 2011. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fadir/article/viewFile/9093/6597>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

SANDERS, C. Grief. *The mourning after. Dealing with Adult Bereavement*. New York: Jonh Wiley & Sons, Inc., 1999.

TELES, Janaína de Almeida. Luto e memória da ditadura: O memorial dos desaparecidos de Vila Formosa, em São Paulo, *Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 65-93, jan./jun. 2017. Disponível em: <<http://seer.unirio.br/index.php/revistam/article/view/8150/7016>>. Acesso em: 18 nov. 2020.

WORDEN, J. Grief Counseling and Grief Therapy. A Handbook for the Mental Health Practitioner. London: Routledge, 1991.

RHUAN FELIPE SCOMAÇÃO DA SILVA é mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2017) e Doutorando em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Londrina (2020-2023). Atualmente, faz parte do grupo de estudos "Representações da morte na Literatura e nas artes", coordenado pelo professor doutor Almir Aquino Correa. Dentre suas publicações, estão o artigo "O Pulp Nacional e a Relação do Leitor Com as Revistas de Emoção" (*Diálogo das Letras*, 2016) e o capítulo de livro "O Horror na literatura gótica e fantástica: Uma breve excursão de sua gênese à sua contemporaneidade" (*O demoníaco na Literatura*, 2012).

SILVA, Rhuan Felipe Scomação. A esperança da morte: o luto impedido em *De amor e de sombra*, de Isabel Allende. *Scripta Uniandrade*, v. 19, n. 1 (2021), p. 300-314.
Curitiba, Paraná, Brasil
Data de edição: 07 ago. 2021.